

DITOS(MAU)DITOS EM FILOSOFIA: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

E eu lá tenho tempo para dizer que te amo, diria, certa vez, Barbara A'Calixto Não tenho vida nem lembranças para saltar os buracos da memória, pois não serei eterno o suficiente para sonhar os lugares sagrados ou acordar as divindades mortas. Os deuses dançam? Os deuses mentem? Os deuses tramam contra as forças da história? Os deuses punem os mortais? Quem criou os deuses? O homem é o criador de deus ou o próprio deus criador? Somos jogados no mundo com a eterna marca da piedade cristã. Somos fragilizados nos limites de nossa generosidade e respeito aos diferentes modos de viver, sentir e sonhar. Somos seres de cultura e, como tal, lançados ao lodo de uma sórdida e miraculosa vontade de verdade. Isso pode simplesmente operacionalizar o esconderijo de nossos segredos mais profundos, o que simplesmente nos tornaria humanos. Esse segredo é a nossa passionalidade. Rompê-la significa simplesmente romper o elo que une o ser-humano ao não-ser-humano e ao demasiadamente humano.

Ditos(mau)ditos da filosofia é um alerta aos filósofos do nosso tempo. A radicalidade toma lugar na filosofia. Não podemos transformá-la em um punhado de signos e regras que tomam forma em determinados enunciados lógicos. A filosofia deve se fazer viva, impetuosa com os seus pares e acontecimentos hodiernos. É o presente que nos interessa. É a realidade que se enverga, retorce, distorce, desmancha ou desencarna para dar lugar aos segredos da vida e da existência. A humanidade se encontra nua. Destituída de sonhos e saudosa de suas perdas. Toma o seu lugar e roga ao consolo de seus pares.

Todavia, o mundo não se encontra no seu próprio centro. É que se descobre sem centro. A ética esquece-se da lei. É que a lei foi transmutada e profanada pelo corpo e o sangue do homem. O mau tornou-se um grande amigo. Foi dançar com a vida. O bom descobriu que a sua bondade/maldade foi gerada em meio a jogos de força. O mal passou a apaziguar e, ao mesmo tempo, gerou o seu próprio criador – Deus.

O que existe de mau na filosofia? O mal e o bem sobrevivem participando de uma grande festividade que reencarna os dons divinos

da criação humana. A nossa época inventa o virtual. Sangra com as feridas da realidade. Vivemos em um mundo enfermo e temeroso pelos desabafos do acaso e do risco.

Não se pode fazer coexistir no ato de filosofar – atributo de todos os indivíduos humanos —, o complexo gestor verdade/paixão. É a insegurança do porvir que nos encanta. Negar os ditos não é simplesmente um ato lógico-ontológico. As proposições, sentenças e esquemas racionais podem sucumbir aos prantos de uma realidade pungente. Sua cor está desbotada e não consegue mais reerguer-se na multiplicidade colorida de todas as cores das raças humanas. Seu sonho apagado pelas incertezas da *utopia* que anuncia o lugar nenhum. Se pelo menos clamássemos pela *eutopia* o bom talvez pudesse ascender aos nossos sonhos.

A crítica radical é, na realidade, o ofício do filósofo. É nela que os conceitos podem ser produzidos, vividos e recriados na explosão do passado e da tradição. Deformar é parte da instituição que se desaloja na desordem ordenada do mundo. É na crítica que a vida torna-se vida. É no espaço de sagacidade da alma que os horizontes se alargam e se avolumam nos lugares retraídos que se lançam em *linhas de fugas* e, nesse caso, sobrevivem.

A ciência toma o seu lugar na modernidade. Não é mais uma natureza ordenada e meramente contemplativa que lhe interessa. A natureza deve ser trespassada pelo olhar científico e experimental, bem como pelos instrumentos tecnológicos gerados pela necessidade de mais saber. Inseparável do poder, conforme assinala Bacon, o homem deve agora submeter a natureza a sua racionalidade científica. Esse controle implica em mecanismos necessários para que o homem viva melhor e caminhe na trilhas do progresso.

É que a história caminha sempre para o “melhor”. Com sua lógica, racionalidade e teleologia o mundo de amanhã será “sempre” muito “melhor”. Isso representa um esforço coletivo da humanidade que se reconhecendo “superior” impõe o seu domínio ao mundo. Contudo, será mesmo que o sol nascerá mais bonito amanhã? Será que a lua encantará a noite com o seu brilho? Será que o amante tomará em seus braços o bem amado(a) e nutrirá seus *a-mores*? Na realidade não temos certeza do amanhã.

A radicalidade da ciência entorta e enche de incertezas o mundo medieval. Deus é destituído de sua morada. Céu e terra se redefinem e, ao mesmo tempo, tornam-se extemporâneos. Só o depois de amanhã poderia pertencer aos homens. Esses senhores do mundo que sonham com a felicidade são incapazes de esquecer suas dores e, ressentidos

como são, impõe aos seus pares marginais a força da norma e a ponta da lança para que permaneçam submissos e sem vida. Geram um mundo extremamente desigual e substancialmente desumano.

Nesses **ditos(mau)ditos** a filosofia sobrevive. A loucura ganha racionalidade. É o que o seu elogio vira poesia e uma bela ode é cantada no encaicho de um soluço mirabolante. A loucura segue no labirinto gerado na razão/paixão. As críticas se sucedem no criticismo kantiano que logo se curva aos volumes sistêmicos de sua geração das luzes. Os românticos ousam retribuir com a desmesura e passionalidade para logo em seguida curvaram-se aos salões do poder.

Feuerbach quase desaparece. A sua crítica incomoda de tal maneira que nem mesmo a academia o suportaria em sua época. Não abre mão de suas convicções e, por isso, é lançado ao ostracismo. Vira um cão morto. Todavia continua a acreditar na sua filosofia do futuro em choque contra a teologia apelidada de filosofia.

Marx segue na radicalidade e também desafia o seu tempo. Escoa a sua crítica pelo interior da sociedade burguesa. Ascende com o movimento operário e consegue sacudir o tão bem constituído capitalismo. A denúncia da lógica do mercado e dos rituais sagrados de desigualdade promovidos pela sociedade de classes, viram objetos de estudo. A amargura do empobrecimento que fora gerado no proletariado, passa a incomodar. O Estado – nesse caso – deve ser demolido pela ação dos desvalidos que, comandados pelo partido revolucionário, tem a possibilidade de emancipação.

É então que o marxismo atravessa o século e faz milhares de seguidores. Gera uma explosão de direitos e, ao mesmo tempo, governos totalitários. Participa do desencanto encantado da queda do muro de Berlim. Imobiliza-se com os velhos jargões lançados aos milhares sobre a sociedade.

Essa crítica, contudo, ganha mais e mais radicalidade no pensamento de Nietzsche. O nome do filósofo alemão, que faleceu em 25 de agosto de 1900, está acompanhado de uma terrível crise. Isso de alguma maneira já estava escrito no **Ecce Homo**. É que o nosso tempo revela-se constituidor de ícones que se desencontram em um caótico mundo de imagens, signos e ritos. Cem anos da morte de Nietzsche não apagam a força de seu pensamento. Esse discípulo de Dioniso ainda brinca com a embriaguez e permanece extemporâneo ou constituidor de uma filosofia do porvir. É que alguns indivíduos nascem póstumos. No **Assim falou Zaraturstra**, Nietzsche alertava os homens para as mentiras do Estado. É que, ao anunciar aos homens

que Deus morreu, possibilitou a eles, trilhar *linhas de fuga* para o encontro da vida e das paixões.

O homem é tão somente um animal que perdeu os seus instintos. Foram na realidade, educados pela razão, moral, cultura ou religião. Todas essas vias normalizadoras impõe aos homens metas e normas constituídas no campo axiológico. Há que se pensar na possibilidade de transvalorar todos os valores. Essa é a condição para que o homem possa viver, brincar e, principalmente, apaixonar-se pela vida. Não se pode, nesse caso, poupar o Estado. É que o Estado proporciona aos seus membros não mais a realização do direito e do dever conforme fora apresentado pela filosofia política hegeliana. Não se trata tão somente de destituição, redefinição e definhamento almejando atingir uma sociedade sem classes como pregam os ritos e as cantigas dos marxóides. Os pensadores anarquistas já brindaram a morte do Estado e, no final do século passado, tentavam ensinar os seus credos aos marxistas. Ao contrário do que se esperava, o marxismo se redefiniu e resolveu participar dos processos eleitorais. O resultado foi a classe operária subjugada, diluída, traída, submissa e, acima de tudo, “participante” da social-democracia. A via eleitoral não apresenta o menor sinal de que a vida humana possa, significativamente, mudar, ou que os trabalhadores possam viver a sua própria maioridade. Impedem, inclusive, que os filhos dos trabalhadores – nomeados de gagueus — expressem as suas convicções construindo as suas pontes para o futuro.

São metas interceptadas advindas de lugar nenhum. São campos de concentração da alma que lampejam nos ritos sórdidos do parlamento, da prisão ou da escola. São lugares escondidos pelo lodo e pelo pranto do sonho e da harmonia de Apolo que retorna aos lugares produzidos artificialmente para servir de alento às elites e aos nobres. O niilismo nietzscheano anuncia a morte de deus e não a morte do homem. Possibilita a crítica aos conceitos eternos e a verdade que podem ser rasgados pela criação e pela beberagem narcótica ou artística. É a cantiga da vida que se pode celebrar. Se isso não for possível não se pode impedir que o homem esqueça as suas dores ou até mesmo possa amenizá-las com outras substâncias fundadas em ritos de marginalidade fazendo aflorar os instintos produzidos pela inocência.

É, nesse campo — do esquecimento e inocência —, e só nesse capo, que se pode capturar a invisibilidade. A certeza da ciência não se consubstancia no apreço à humanidade. É simplesmente a vontade de verdade que se lança contra o corpo dos indivíduos e os transforma em excrementos, membros diluídos e repulsa ao risco. Só a inocência pode

intervir na excessiva busca de certezas. É, por isso, que a estética é, para Nietzsche, um lugar privilegiado para fazer emergir/explodir os instintos humanos.

Esse livro – **ditos(mau)ditos** – lançado ao grande público é um esforço coletivo dos alunos da disciplina de **Correntes Modernas da Filosofia**, do Programa de Pós-Graduação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará – Mestrado e Doutorado e outros participantes — que, tendo ou não a identidade intelectual de filósofos, correm o risco, e, nesse caso, procuram pensar a nossa temporalidade. Os “não-filósofos” tornam-se filósofos. Os malditos da filosofia vivificam-se nos novos códigos, signos e conceitos. É um belo esforço e digno de apreço.

Lançamos o nosso copo de dados ao acaso. É no acaso das lutas, mas, principalmente, na grande arena da história que as idéias podem ganhar força. Não se pode anular o medo de dizer; entretanto, o não dizer, será muito mais temeroso e quem sabe até mais arriscado.

José Gerardo Vasconcelos

é professor da disciplina

Correntes Modernas da Filosofia

do Programa de Pós-Graduação da FACED/UFC